



FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO: PSICOLOGIA

**A postura do psicólogo comportamental em *setting*
terapêutico e suas conseqüências em crianças que
apresentam dificuldades de aprendizagem.**

Rafaela Costa Camões Rabello

BRASILIA
NOVEMBRO/2005

RAFAELA COSTA CAMÕES RABELLO

**A postura do psicólogo comportamental em *setting*
terapêutico e suas conseqüências em crianças que
apresentam dificuldades de aprendizagem.**

Monografia apresentada como
requisito para conclusão do curso de
Psicologia do UniCEUB – Centro
Universitário de Brasília com o Professor
e Orientador Geison Isidro Marinho.

BRASILIA

NOVEMBRO/2005

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que direta, ou indiretamente, tenham contribuído a realização deste projeto de pesquisa.

Ao meu orientador, prof. Geison Isidro Marinho, pelas horas despendidas a ler e reler meus achados, por ter me apoiado e acreditado em meu potencial, por me enriquecer com seu conhecimento, meus profundos agradecimentos.

Aos meus pais, que me fizeram e ainda fazem acreditar em mim e em meu potencial e por estarem sempre me ensinando a ser uma pessoa melhor a cada segundo de minha vida. À minha querida mãe, Elizabeth Costa Camões Rabello, pelas inúmeras revisões e sugestões sempre muito pertinentes a respeito de meus rascunhos, pela compreensão, pelo constante apoio e carinho despendido. Ao meu querido pai, Ricardo Moreira Rabello, por sempre estar ao meu lado me apoiando e me ajudando a crescer tanto profissional quanto pessoalmente e pelo profundo carinho demonstrado.

Às minhas irmãs, Renata e Rebeca, que me deram forças a não desistir, pela incrível compreensão e suporte nas horas mais difíceis e por sempre acreditarem em mim.

Ao meu irmão, Pedro Ricardo Costa Camões Rabello, por ter se encontrado e pela alegria que nos tem dado.

À minha querida avó, Cremilda Moreira Rabello, pela excessiva preocupação e apoio dado.

Ao meu namorado, Ricardo de Sá Rocha Mello, pelo apoio, compreensão e aconselhamentos.

Ao meu querido amigo José Henrique Filippi, pelo tempo e apoio dado a confecção da metodologia da pesquisa e a diagramação final do trabalho.

Ao Guilherme, por ter me oferecido ajuda e pelo apoio dado.

À minha querida amiga, Mariana Cintra Pereira, pelo apoio e pelas horas gastas me escutando e me compreendendo.

À minha querida e eterna amiga, Hellen, que apesar da distancia física, sempre me apoiou e acreditou em mim.

DEDICATÓRIA

Dedico esta monografia à minha família, meus pais e meus irmãos, como símbolo de nossa incrível força e superação de obstáculos. Dedico também a todos aqueles que possam vir a se beneficiar com os resultados encontrados na aplicação deste projeto de pesquisa.

SUMÁRIO

Resumo	6
Introdução	7
Método	23
Participantes	23
Ambiente	24
Ambiente Físico	24
Ambiente Social	24
Material	25
Instrumentos	25
Procedimento	25
Resultados	30
Discussão	31
Referências Bibliográficas	34
Anexo I	36

RESUMO

O presente trabalho caracteriza-se por ser um projeto de pesquisa para uma futura investigação que visa analisar as conseqüências geradas pela postura do terapeuta em setting terapêutico, no comportamento de crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, mais especificamente a Dislalia e a Dislexia. A postura do terapeuta será definida de acordo com a investigação de alguns comportamentos verbais, os comportamentos, ecóico, intraverbal e textual. A pesquisa tem cunho qualitativo e quantitativo, fundamentada em análise de dados coletados a partir da aplicação dos comportamentos verbais que traduzem a postura terapêutica em setting terapêutico, da aplicação dos outros comportamentos verbais, que os da postura do terapeuta, da observação das passagens de expressão dos comportamentos emitidos, tanto do terapeuta, quanto do sujeito pesquisado quando sob a variável postura terapêutica, da observação das passagens de expressão dos comportamentos emitidos dos sujeitos pesquisados, quando sob a variável de comportamentos emitidos pelo psicoterapeuta que não sejam os da postura do terapeuta, da gravação de sessões de psicoterapia dos sujeitos investigados, e, finalmente da triangulação dos dados da manifestação dos sujeitos pesquisados frente à postura do terapeuta e frente a outros comportamentos, aos dados coletados e transcritos do observador e a transcrição das gravações das sessões. Após coletados os dados, utilizar-se-á métodos quantitativos de categorizações de alguns comportamentos emitidos tanto pelo terapeuta quanto pelos sujeitos pesquisados por meio de gráficos. A análise destes comportamentos categorizados será realizada por meio de uma análise comparativa dos resultados. Alguns dados levantados, que fogem à categorização dos comportamentos selecionados, também serão considerados como variáveis relevantes; portanto, dependendo da relevância de tais dados, estes também serão analisados por meio de uma análise com base comparativa com a fundamentação teórica encontrada na introdução da pesquisa. Visa-se, ao término da pesquisa proposta por este projeto, levantar dados significativos que possam vir a contribuir no processo psicoterápico por meio da interação entre psicoterapeuta e seu paciente durante as sessões, através de técnicas específicas de aplicação dos comportamentos verbais no tratamento de pacientes que apresentam dificuldade de aprendizado, manifestados pela Dislalia e Dislexia.

Um dos temas centrais do presente trabalho é a linguagem, pois independente do lugar e da época, esta foi e ainda é profunda e amplamente utilizada pela civilização humana. Reporta-se, especificamente, à civilização humana, em decorrência de que nenhum outro animal por mais amplo repertório comportamental, de pronúnciação de certas palavras ou de utilização de símbolos para se comunicar, que apresente, é capaz de se comunicar por meio de linguagem.

Chaika (1994) afirma claramente tal hipótese quando discorre em seu livro *Language: the Social Mirror*, a respeito da complexidade da linguagem. Segunda a autora, independente do *schemata*¹ e da capacidade de se comunicar que certo animal possui, o que vai realmente definir a utilização da linguagem como um instrumento de comportamento de comunicação é a capacidade de combinar elementos, desde sons, preposições e artigos (elementos que não possuem significados próprios) e produzir sentenças e, posteriormente, discursos com significados por meio de regras definidas pela própria gramática. De acordo com a autora, a linguagem vai se definir também a partir dessa combinação, pois, a combinação destes elementos por meio de regras e estruturas gramaticais passa a ganhar significados, os quais podem se modificar infinitamente de acordo com as variáveis de estímulo-resposta estabelecida em certo ambiente.

Em decorrência desta capacidade de composição que somente o ser humano possui, a linguagem é, portanto, considerada um elemento “*multilayered*”, ou seja, a linguagem é considerada um comportamento heteromorfo, que pode possuir várias formas e “camadas”, dependendo da combinação, entonação, postura (i.e. comportamento distante, afável, infantilizado, irônico, entre outros), etc, que certas sentenças ou mesmo palavras recebem ao serem pronunciadas. (Chaika, 1994).

Tal hipótese formulada pela autora está de acordo com a teoria de Saussure (1922), a qual defende que é preciso distinguir entre a “língua mesma” (*la langue*) e os pronunciados efetivamente feitos nessa linguagem (*la parole*). O autor afirma que novas sentenças e enunciações se acrescentam constantemente a *la parole*, sem necessariamente afetarem *la langue*. O paralelo estabelecido entre esses dois autores paira justamente na questão de *la parole* ser composto e modificado constantemente por elementos da *la langue*; e que conseqüentemente, a partir daí,

¹ *Schemata*: Conhecimento prévio de certo animal adquirido pela sua “história de vida”.

tem-se a complexidade e a utilização da linguagem como meio de comunicação utilizado somente pelo ser humano.

Chaika (1994) afirma que mesmo os elementos da linguagem (e.g. substantivos), que por si só possui um significado próprio, podem, determinantemente, receber um diferente significado de acordo com a combinação de estruturas gramaticais em que está relacionado, ou, a contextualização sócio-cultural deste elemento em determinado momento na história ou até mesmo ao foco intencional da locução produzida pelo falante.

Chaika (1994) reporta que independente da língua utilizada em determinada sociedade, aspectos universais podem ser encontrados na formulação da mesma (i.e. a presença de verbo e substantivo.). Entretanto, as particularidades de cada língua são definidas de acordo com a cultura de determinada sociedade em determinada época. A autora afirma que os falantes de determinada língua devem ser capazes de: inventar novas palavras, utilizar palavras já existentes em situações inusitadas, compor sentenças que nunca foram ouvidas pelo próprio falante da língua, e, finalmente, combinar novas sentenças ao comunicar-se.

Terwilliger (1968) discorre que a linguagem além de ser um comportamento tipicamente humano, é um comportamento basicamente orientado para o social. O autor afirma que a linguagem é um sistema de comportamentos e ²comportamentos potenciais lingüísticos, que exercem influência sobre o comportamento de outras pessoas, pois tais comportamentos ocupam vezes a posição de estímulo, vezes de resposta.

Dois outros autores, cujos trabalhos seminais na psicologia explicam a aquisição da linguagem e que não podem deixar de serem mencionados são os de Vigotsky e Piaget (Brown, 2000). Para Vigotsky, o aprendizado se dá a partir do meio externo, ou seja, da interação com o ambiente, para “dentro”, organismo. Piaget, por outro lado, vê a aquisição da língua como um processo biológico, que parte do indivíduo para a interação com o meio. (Brown, 2000).

Em outras palavras, o comportamento lingüístico, segundo o mesmo autor, modifica e é modificado de acordo com o repertório de estímulo-resposta estabelecido pelo falante ou falantes da língua.

² Segundo Terwilliger (1968), o comportamento potencial lingüístico não necessariamente caracteriza-se somente como sendo o comportamento verbal, mas também, o comportamento escrito, de sinais, entre outros.

Terwilliger (1968) afirma que a linguagem é um instrumento de interação e influencia sociais. Sendo, portanto, este necessariamente social, toda linguagem é aprendida de e por outros, e usada pelo menos para comunicação com terceiros. Tal fato, ainda de acordo com autor, corrobora o fato de que a linguagem não pode fugir à sua origem social.

Outro autor que enfaticamente argumenta a respeito da origem social da linguagem, é Ingedore Koch (1998). Em seu livro *A Inter-ação pela Linguagem*, este afirma que a linguagem é, antes de tudo, um ato social, no interior de situações sociais que são modificadas ou até mesmo constituídas por meio destes atos. No entanto, o autor não se atém somente à questão social da linguagem. O mesmo discorre, também, a respeito das diferentes concepções que a linguagem recebeu no decorrer da história.

Segundo o autor, tais concepções podem ser resumidas em três principais. A primeira é considerada a concepção como representação (“espelho”) do mundo e do pensamento; a segunda é caracterizada como instrumento (“ferramenta”) de comunicação; e, finalmente, a terceira, é considerado como forma (“lugar”) de ação ou interação.

De acordo com o autor, a mais antiga das concepções é a primeira, embora controversa, esta, até hoje possui seus defensores. O autor afirma que nesta concepção, o homem representa para si o mundo por meio da linguagem e, assim sendo, a função da língua é refletir seu pensamento e o conhecimento do mundo. A segunda concepção considera a língua como um código por meio do qual o emissor comunica a um receptor determinadas mensagens, tendo como função principal a transmissão de informação. Finalmente, a terceira concepção é aquela que encara a linguagem como atividade, ou seja, como forma de ação – ação “interindividual finalisticamente orientada” (Koch, 1998).

Para Koch (1998) na terceira concepção, a linguagem seria um elemento de interação que possibilita os membros de uma sociedade à prática dos mais diversos comportamentos, os quais irão exigir o estabelecimento de respostas para que exista a afirmação de vínculos e compromissos anteriormente inexistentes.

A terceira concepção, acima relatada, será explorada como meio de construção de uma lógica operante, para a promoção da fundamentação epistemológica a cerca do objetivo proposto. Para tal fim, uma breve explanação a respeito da composição desta terceira concepção será abaixo realizada.

Segundo Koch (1998), existem três visões distintas de linguagem que se correlacionam à terceira concepção, a *teoria da enunciação*, a *teoria dos atos de fala* e a *teoria da atividade verbal*.

A *teoria da enunciação* tem por postulados básicos que não basta ao lingüista preocupado com questões de sentido descrever os enunciados efetivamente produzidos pelos falantes de uma língua: é preciso levar em conta a enunciação, em outras palavras, o evento único e jamais repetido de produção do comportamento enunciado. Isto porque as variáveis da produção do comportamento (tempo, lugar, papéis representados pelos interlocutores, relações sociais, objetivos visados na interlocução) são únicas em determinado momento, ou seja, a possibilidade dessas repetirem é ínfima (Koch, 1998).

Tais teorias, a *teoria da enunciação* e a *teoria dos atos de fala*, aproximam-se profundamente à noção, a qual será posteriormente explorada, a respeito do comportamento verbal proposto por Skinner (1978) e comentado por Catania (1999) como sendo uma forma mais completa de análise do fenômeno de repertórios comportamentais produzidos pelos emissores e receptores de determinada língua.

A *teoria da enunciação* teve como precursor o filósofo Russo M. Bakhtin, o qual teve como principal difusor de suas idéias, o lingüista Émile Benveniste, que propôs a estudar o aparelho formal da enunciação.

Tal aparelho foca no estudo do sistema pronominal e verbal da língua. Muito interessante o enfoque dado pelo autor a respeito destes sistemas, pois o comportamento de emissão vocal e até mesmo de emissão escrita, recebe nuances que interferem diretamente na resposta do receptor.

Por exemplo, os pronomes da primeira e segunda pessoa são designados aos interlocutores, enquanto que os pronomes da não pessoa (3ª pessoa) designam aos referentes, e, assim, não podem ser deslocados para primeira classe.³

A *teoria dos atos de fala*, segundo Koch (1998), surgiu da filosofia da linguagem, e tem como principais representantes J.L. Austin, Searle, Strawson e

³ Um estudo mais aprofundado a respeito deste tema poderia tornar-se bastante relevante na área da psicologia em relação ao estudo do comportamento verbal. Pois se observa estratégias usadas tanto por psicólogos quanto por clientes, ao tentarem se eximir de determinados fatos (ou para tornar o comportamento verbal mais imparcial ou como um elemento ou de fuga ou de esquivia) utilizar os pronomes da terceira pessoa, quando se deveriam utilizar pronomes da primeira pessoa do singular, mesmo que a regra não o permita.

outros. Koch (1998) afirma que tal teoria entende a linguagem como “forma de ação”, ou seja, “todo dizer é um fazer”. E em decorrência disto, Austin estabelece a distinção entre três tipos de atos⁴ : os atos *locucionários*, *ilocucionários* e *perlocucionários*.

O primeiro ato consiste na emissão de um conjunto de sons, organizados de acordo com as regras da língua. Segundo Koch (1998), Searle estabelece dois tipos de atos locucionários, o ato de referência, vulgo: sujeito, e o ato de predicação, vulgo, predicado.

O segundo ato, ou ato ilocucionário, é caracterizado pela fórmula $f(p) - “p”$ designa o conteúdo proposicional e “f” a força ilocucionária. Tal força pode ser de pergunta, de asserção, de ordem, de promessa, etc. Um exemplo de tal ato seria a “forma” ou a “força” como uma pessoa ordena algo à outro sujeito e o conteúdo desta ordenação. E.g. “Maria, pegue um copo de água agora.” E “Maria pegue um copo de água, por favor.”. O ato ou a ação gerada pela ordenação, ou pedido exemplificado pode, portanto, ser analisado por meio da fórmula $f(p)$.

Finalmente, o terceiro ato o qual completa a *teoria dos atos de fala*, é denominado de ato perlocucionário; este é caracterizado como sendo o comportamento destinado a exercer certos efeitos sobre o interlocutor: convencê-lo, assustá-lo, agradá-lo, etc. Tal ato, quando analisado por meio da ordenação proposta pelo autor dos atos da fala finaliza a análise de qual seria o efeito concreto de uma enunciação, visto que tal teoria considera a fala como sendo uma ação. (Koch, 1998).

Por fim, Segundo Koch (1998), a *teoria da atividade verbal* parte do princípio que a linguagem é uma atividade social realizada para fins específicos.

No entanto, segundo o autor, apesar de as três teorias serem de extrema importância para a construção do pensamento de como a linguagem se estrutura como sendo, especificamente, um elemento que tem como pano de fundo as relações sociais, é impossível perceber toda trama e “manipulação” tão freqüente existente na interação verbal humana.

Todavia, considerar-se-á tal teoria uma das, cuja sintonia encontra-se profundamente em concordância com a teoria do comportamento verbal de Skinner (1978). E, portanto, esta será considerada, também, um instrumento de análise dos

⁴ Entende-se “ato” como ação comportamental, ou seja, comportamento.

conteúdos expressos pelos sujeitos da pesquisa. A teoria do comportamento verbal de Skinner será o foco da transição epistemológica da análise do comportamento verbal em contraposição à análise da linguagem.

Portanto, em paralelo com a teoria da atividade verbal⁵, Skinner (1978) propõe a noção de “comportamento verbal”. Assim como qualquer outro comportamento, o comportamento verbal altera o meio por meio de ações mecânicas, ou seja, uma vez estabelecido o comportamento apropriado, formas antigas de comportamentos desaparecem, enquanto novas formas são produzidas por novas conseqüências, modificando, então, o meio em que o comportamento foi produzido.

“Comportamento verbal é um tipo de comportamento operante. Pertence à categoria comportamental mais ampla que poderia ser chamada de “comunicação”, se *comunicação* não sugerisse uma teoria mentalista alheia ao ponto de vista behaviorista”. (Baum, 1999, pg. 125)

De acordo com Catania (1999), o comportamento verbal é essencialmente efetivado pela mediação de outras pessoas. Em decorrência disto, o autor relata que a mediação entre outras pessoas é a característica básica de todo comportamento social. Deste modo, as contingências sociais que modelam o comportamento não apenas criam condições para fala, mas elas também criam repertórios verbais como uma propriedade especial (Catania, 1999).

Tão logo, ao se definir o comportamento verbal, o mesmo se diferencia de sua função da linguagem e da língua. A taxinomia da linguagem foca no estudo das estruturas e regras de uma língua, fazendo, portanto, de suas propriedades, algumas práticas da comunidade verbal. Por outro lado, a taxinomia do comportamento verbal analisa a função do comportamento, e, por conseguinte, as conseqüências de comportamentos da comunidade verbal⁶.

Catania (1999) afirma que como todo comportamento operante, tais conseqüências afetam o comportamento subsequente, logo, evidencia-se a necessidade desta análise das conseqüências desses comportamentos.

⁵ Tanto para Skinner (1978) como para Koch (1998), a atividade verbal (koch) e o comportamento verbal (Skinner), é uma ação ou um comportamento que se estabelece basicamente nas relações sociais.

⁶ As pessoas que ouvem e reforçam o que uma pessoa diz são membros da comunidade verbal dessa pessoa – o grupo de pessoas que se falam entre si e reforçam a s verbalizações uma das outras (Baum, 1999).

No entanto, freqüentemente, um indivíduo age apenas indiretamente no meio do qual emergem novas conseqüências e conseqüências últimas deste comportamento indiretamente emitido (Skinner, 1978).

Um exemplo de tal afirmação é levantado por Skinner (1978), pela ilustração de que, em algumas situações, quando pessoas estão sedentas, ao invés de dirigir-se a uma fonte de água, elas geralmente, simplesmente pedem um copo d'água. A partir do momento em que o copo d'água foi recebido pelo falante, considera-se que o comportamento emitido foi “eficiente”. Neste caso, o importante não é o recebimento do copo d'água, mas a resposta emitida pelo receptor a cerca do comportamento do falante. Tal resposta poderia, também, ser a negação do pedido. No entanto, se não houvesse resposta alguma (não só o comportamento vocal), então, poderia se dizer que o comportamento emitido não é um comportamento eficiente.

As conseqüências que podem servir para o comportamento verbal humano são numerosas e variadas. Algumas vezes, estas são não verbais (o aparecimento de uma pessoa a um chamado); outras vezes são verbais (alguém responde a uma pergunta), em outras situações, são bastante previsíveis (quando pedidos são atendidos), outras não são tão previsíveis (nem todos os pedidos são atendidos). Isto porque, o comportamento verbal é mantido por conseqüências variadas que fazem parte de contingências naturais da própria interação, que podem ser concebidas como uma rede complexa de esquemas de reforços (Catania, 1999).

O comportamento do falante e do ouvinte juntos compõe aquilo que se denomina episódio verbal total. Skinner (1978) afirma que o comportamento, principalmente o comportamento verbal é “eficiente” quando há a mediação de outras pessoas. A partir desta inferência e a de outros autores acima citados (especialmente Catania, 1999), verifica-se o cunho fundamentalmente social do comportamento verbal.

Skinner (1978) afirma que o comportamento verbal não pode ser reduzido pelo comportamento vocal. A “fala”, no entanto, pode ser caracterizada como sendo um comportamento vocal, mas não um comportamento verbal. Pois, o comportamento verbal não se limita à emissão sonora.

A linguagem que é o termo referido às práticas de uma comunidade lingüística não pode ser considerada um comportamento verbal. Tanto pela sua função, a linguagem está mais associada às práticas da comunidade lingüística do

que ao comportamento de seus membros (Skinner, 1978). Outro fator que a diferencia do comportamento verbal é a idéia de que a linguagem é utilizada como um instrumento que desperta vários problemas suscitados pelo mentalismo. E.g. onde está o instrumento? De que é feito? Quem o utiliza, como e onde? Como este instrumento causa a fala?(Baum, 1999).

Skinner (1978) relata que a “compreensão” do comportamento verbal é mais do que o uso de um vocabulário consistente, com o qual instâncias específicas podem ser descritas. O autor afirma que o comportamento verbal é o alcance das previsões de ocorrência de casos específicos concomitante à capacidade de produzir ou controlar tais comportamentos mediante a alteração das condições.

O comportamento verbal também é considerado como sendo comportamento reforçado por intermédio de outras pessoas. Em outras palavras, qualquer movimento capaz de afetar outro organismo pode ser considerado um comportamento verbal (Skinner, 1978). Apesar de a concepção do comportamento verbal receber uma dimensão bastante clara, tende-se considerá-lo como sendo um comportamento vocal, atribuindo-lhe um reducionismo e críticas infundadas.

“Nós provavelmente escolhemos o comportamento vocal, não porque é o mais comum, mas também tem pouco efeito sobre o meio físico e porque é quase necessariamente verbal. Há, porém, linguagens escritas, linguagens por sinais e linguagens nas quais o falante “estimula” a pele do ouvinte. O comportamento audível não-vocal e os gestos são verbais, mesmo que não constitua uma linguagem organizada.” (Skinner, 1978)

Partindo-se desta breve aclaração acerca do comportamento verbal, o presente trabalho tem como objetivo promover um pequeno desmembramento do comportamento verbal em seu conjunto e enfatizar alguns comportamentos da comunidade de comportamentos verbais, a fim de promover um maior esclarecimento teórico a respeito da fundamentação adotada para os objetivos propostos pela pesquisa.

Portanto, os comportamentos “desmembrados” a serem mais profundamente analisados serão: o comportamento Ecóico, o comportamento Intraverbal e o comportamento textual. Tais comportamentos serão traduzidos como sendo a “postura do terapeuta”.

O comportamento ecóico caracteriza-se pela imitação de algumas propriedades dos estímulos vocais enunciados. Um exemplo de comportamento ecóico é quando alguém diz a palavra “casa”, o ouvinte, por conseguinte, repete a

palavra “casa”, e o reforço será contingente na similaridade dos dois sons. (Catania, 1999)

O comportamento intraverbal é caracterizado por respostas verbais ocasionadas por estímulos verbais. Elas são caracterizadas pela correspondência um-a-um de unidades verbais. Um exemplo de comportamento intraverbal é quando em se tratando de ouvir ou ler a palavra “casa”, o sujeito será reforçado se emitir uma resposta relacionada tematicamente, assim como “morada”, ou “apartamento” (Catania, 1999).

O comportamento textual é quando um estímulo verbal escrito estabelece a ocasião para uma resposta vocal correspondente. Um exemplo disto seria ler uma estória para fazer uma criança dormir. Faz-se importante esclarecer que a resposta do comportamento textual é mais especificamente o comportamento vocal. e.g. ao ler a palavra PARE, não significa, necessariamente, que o sujeito irá PARAR (Catania, 1999).

O comportamento verbal, assim como já referido acima, é considerado um comportamento essencialmente social, que produz conseqüências tanto no ouvinte quanto no falante. A psicoterapia por caracterizar-se como sendo uma realidade micro, ou seja, que reproduz o cerne da relação humana, a interação social, encontrada pela realidade macro (a sociedade), por sua vez, também pode ser considerada uma realidade essencialmente social, em que tanto psicoterapeuta, quanto o cliente produzem estímulos e respostas uns aos outros.

Em decorrência disto, a análise da postura do terapeuta, no caso, a análise dos comportamentos verbais selecionados acima, faz-se muito importante, pois, somente a partir desta verificação é que se poderá conhecer acerca das conseqüências de cada postura ou comportamento emitido pelo psicoterapeuta em seus clientes, ou seja, como a postura terapêutica influencia o cliente⁷ em suas respostas.

Assim como já descrito e definido acima, o objeto de investigação do presente trabalho é o estudo da postura⁸ do terapeuta e de suas conseqüências no

⁷ Neste caso o cliente será caracterizado por sujeito de idade menor de doze anos, pois a proposta do trabalho é a de verificar como a postura do terapeuta influencia na criança, que apresenta dificuldades de aprendizagem, em *setting* terapêutico.

⁸ Escolheu-se o termo “postura” do terapeuta, em decorrência de que linguagem, assim como já argumentado no primeiro parágrafo deste trabalho, é um vocábulo cujo significado encontra-se limitado ao estudo proposto. O presente trabalho não está diretamente interessado no estudo da comunidade lingüística per se, mas no

tratamento de crianças, que possuem dificuldades de aprendizagem, em *setting* terapêutico.

Ballone (2003), em seu artigo *dificuldades de aprendizagem*, cita a definição de dificuldade de aprendizagem da lei pública Americana, P.L 94 – 142, a qual diz que:

“Dificuldade de aprendizagem específica significa uma perturbação em um ou mais processos psicológicos básicos envolvidos na compreensão ou utilização da linguagem falada ou escrita, que pode manifestar-se por uma aptidão imperfeita de escutar, pensar, ler, escrever, soletrar ou fazer cálculos matemáticos. O termo inclui condições como deficiências perceptivas, lesão cerebral, disfunção cerebral mínima, dislexia e afasia de desenvolvimento...” (Federal Register, 1977, citado em Ballone, 2003).

A partir desta definição, o presente trabalho tem como fim, a aplicação dos comportamentos verbais selecionados acima, para a verificação das conseqüências no tratamento psicoterápico de crianças que possuem dificuldades de aprendizagem. Entretanto, com intuito de delimitar ainda mais o problema levantado, as dificuldades de aprendizados trabalhadas serão as dislexia e dislalias.

Ballone (2001) relata que a Dislexia é um distúrbio específico da linguagem caracterizado pela dificuldade em decodificar (compreender) palavras. O autor afirma que segundo a definição elaborada pela Associação Brasileira de Dislexia, este distúrbio trata-se de uma insuficiência do processo fonoaudiológico e inclui-se freqüentemente entre os problemas de leitura e aquisição da capacidade de escrever e soletrar.

Portanto, pode-se concluir que a Dislexia é uma alteração de leitura e da escrita. Apesar de a criança disléxica apresentar dificuldades em decodificar certas letras, esta não o faz devido a algum problema de déficit cognitivo. Normalmente esses pacientes apresentam um QI perfeitamente compatível com a idade. (Ballone, 2001).

A dislalia, segundo Ballone (2001), Consiste em uma má pronúncia das palavras, seja omitindo ou acrescentando fonemas, trocando um fonema por outro ou ainda distorcendo-os. A falha na emissão das palavras pode ainda ocorrer em nível de fonemas ou de sílabas. Os sintomas da Dislalia versam em omissão, substituição ou deformação os fonemas.

O autor também afirma que a dislalia não possui uma etiologia predominantemente orgânica, ou seja, não se observam transtornos no movimento dos músculos que intervêm na articulação e emissão da palavra. No entanto, observa-se que a Dislalia, apesar de não possui uma causa predominantemente orgânica pode, também, ser resultado de uma malformação ou de uma alteração da inervação da língua, da abóbada palatina e de qualquer outro órgão da fonação. Há casos em que a dislalia pode ser causada por uma má formação congênita.

Ballone (2001) discorre que certas Dislalias são devidas a enfermidades do sistema nervoso central, ou seja, quando se encontra alguma alteração orgânica que justifique a Dislalia. Por outro lado, existem as Dislalias ditas Funcionais.

A Dislalia funcional pode ter causa ou por imitação ou por alterações emocionais, o que a caracteriza como sendo uma dificuldade de aprendizagem que possui uma natureza predominantemente funcional-adquirida (Ballone, 2001).

Por meio deste breve esclarecimento a respeito da postura do terapeuta e das dificuldades de aprendizagem focadas, para o presente trabalho, a serem trabalhadas por tais comportamentos que definem a postura terapêutica, e com o escopo de fundamentar tal pesquisa de forma com que a cientificidade e objetividade da pesquisa parem como premissa fundamental para validação dos resultados a serem encontrados, a fundamentação teórica, para a base psicoterápica adotada será a do modelo comportamental metodológico proposto por Burrhus Frederic Skinner (BF Skinner).

A psicoterapia comportamental recebeu várias definições e “missões” no decorrer da história. Entretanto, como base comparativa, somente algumas dessas definições serão exploradas pelo presente trabalho. Segundo Wolpe (1969, citado em Lettner, 1988), a terapia comportamental baseia-se no uso dos princípios da aprendizagem experimentalmente estabelecidos com o objetivo de modificar o comportamento desadaptivo. Eysenck (1964, citado em Lettner, 1988) afirma que a terapia comportamental é a tentativa de alterar o comportamento humano e a emoção de uma forma benéfica de acordo com as leis da “moderna” teoria da aprendizagem. Kasner (1962, citado em Lettner, 1988) propõe que a psicoterapia é um processo diretivo, predizível e regulado que pode ser investigado parcimoniosamente dentro do quadro de referências de uma teoria do reforço. Finalmente, Skinner (1959) (citado em Sant’ Ana, 2004), afirma que a psicoterapia é

uma agência controladora, cuja função é a de desfazer os efeitos colaterais da punição a que os indivíduos são submetidos.

Por meio de uma breve análise a respeito de tais definições, pode-se perceber que o cerne dessas incide nos princípios da “teoria do reforço”. Wolpe (1976) afirma que a teoria do reforço se propõe a remover e substituir os hábitos indesejados de forma a estabelecer um novo padrão de comportamento numa determinada situação. A reação desejada deve ser emitida e frequentemente recompensada.

Em paralelo à Wolpe (1976), Baum (1999) afirma que a teoria do reforço se baseia na história de aprendizagem operante de um indivíduo desde o seu nascimento, ou seja, o reforço e a punição modelam o comportamento à medida que ele evolui durante a sua vida.

Partindo-se de tal princípio, a psicoterapia com base comportamental, parte da premissa de que o comportamento humano é regido por leis. Segundo Kanfer (1974), dessa premissa derivam-se dois corolários, o primeiro, caracteriza-se pelo fato de que se pode atingir melhor a compreensão do comportamento humano por meio de uma análise sistemática, e o segundo, caracteriza-se pelo fato de que se podem desenvolver metodologias sistemáticas que permitirão predições e modificações eficazes do comportamento.

Para se chegar à realização desses dois corolários há algumas operações as quais são consideradas básicas para o *behaviorismo*, que são: a observação do comportamento, a apresentação de estímulos, a programação de conseqüências para respostas, a sinalização de estímulos, a sinalização de conseqüências e o estabelecimento de efetividade de conseqüências (Catania, 1999).

A seguir são esclarecidas tais operações. A primeira delas é a observação do comportamento. Segundo Catania (1999), o comportamento observado “diz” o que um organismo é capaz de fazer. No entanto, o autor afirma que somente pela observação do comportamento não se pode tirar conclusões sobre a etiologia do mesmo; portanto, algumas intervenções fazem-se necessárias, tais como a apresentação de estímulos.

A segunda operação, a apresentação de estímulos, tem como fim, a programação do ambiente em que certo organismo está inserido, para que o comportamento deste tenha determinadas conseqüências. A partir de então, têm-se a terceira operação, ou seja, a programação de conseqüências para respostas.

Catania (1999) afirma que a partir do momento que certas respostas apresentam conseqüências, elas podem ocorrer com freqüências variadas, as quais as levam às operações conseqüenciais aos processos denominados *reforço* e *punição*.

Há, logo, várias possibilidades de programação do ambiente de certo organismo. Uma delas é caracterizada pela quarta operação, a sinalização de estímulos, a qual ocorre quando certos estímulos sinalizam a apresentação de outros estímulos, e que assim, esses sinalizam a oportunidade de produzir conseqüências.

A partir deste silogismo, aplica-se nesta situação a operação *controle de estímulo*. Tal operação pode ocorrer apenas quando combinada com uma dessas duas operações, as quais são consideradas as mais simples, a apresentação de estímulos e a programação das conseqüências.

Entretanto, Catania (1999) afirma que o comportamento pode existir sem necessariamente apresentar um estímulo sinalizador. Quando isto ocorre, há outras operações que são capazes de modificar os efeitos das conseqüências do comportamento, as quais são a quinta e a sexta operação, a sinalização de conseqüências e o estabelecimento de efetividade de conseqüências. Tais operações são denominadas operações estabelecedoras, como o próprio nome já diz, estabelecem as condições sob as quais as conseqüências podem se tornar efetivas, ou como reforçadoras, ou como punidoras.

Kanfer (1974) relata que apesar de os princípios gerais terem sido resultado científico dos métodos de modificação de comportamento, as iniciativas clínicas específicas requerem uma combinação única para adaptação de casos particulares. Isto é, assim como já referido acima, cada indivíduo possui uma história de aprendizado operante, que é modelada desde seu nascimento. Portanto, se dois indivíduos possuem uma mesma queixa, as operações de tratamento serão as mesmas a serem utilizadas; no entanto, as variáveis que comporão tais operações serão únicas; em outras palavras, essas se diferenciarão de acordo com a história de reforço e punição vivida por cada indivíduo.

O processo terapêutico com base comportamental, parte, destarte, destas operações acima especificadas, e este, também pode ser dividido em três fases operacionais (Lettner, 1988): a fase inicial, a qual é composta pela estruturação da terapia por meio do diagnóstico funcional e planejamento terapêutico, a fase

intermediária, a qual se caracteriza pela aplicação do plano terapêutico cujo fundamento pairará nas operações básicas descritas acima, e a fase terminal, a qual compõe a avaliação, o término da terapia e o acompanhamento.

Durante a fase inicial, há a discussão com o cliente a respeito de como funciona a terapia, quais são as suas rotinas, exigências, responsabilidades e estabelecimento de limites da relação terapeuta-cliente. Lettner (1988) considera de extrema importância, nesta fase, o terapeuta especificar ao cliente (adulto ou criança) que o seu papel será o de orientá-los na aquisição de elementos necessários para compreensão da situação problema, bem como para o engajamento, em uma ação dirigida a objetivos a serem por eles definidos.

Ainda nesta fase, há o diagnóstico funcional, que tem como objetivo avaliar as dimensões do problema, do desenvolvimento⁹, da motivação, do autocontrole, da dinâmica familiar, da comunidade e da escola (no caso de indivíduos que estudam).

O planejamento terapêutico, o qual é sujeito da fase inicial, é elemento considerado por Lettner (1988) flexível e reajustável durante toda a terapia, já que este carece de se ajustar às alterações do diagnóstico e às necessidades do cliente. O autor afirma que uma vez feita a análise funcional inicial e, determinado o tipo de “ajuda” que o cliente necessita, passa-se à especificação, em termos operacionais, dos objetivos iniciais e, com a evolução do diagnóstico, à dos objetivos terminais e intermediários.

A fase intermediária é considerada por Lettner (1988) uma das mais difíceis, pois esta depende de uma correta caracterização do problema e da escolha dos recursos mais apropriados a serem utilizados para determinada situação. São utilizadas, nesta fase, várias técnicas e procedimentos, baseados nos modelos de aprendizagem instrumental e social, em processos cognitivos, bem como derivados de outros sistemas terapêuticos, e.g. dessensibilização sistemática, processos de reforçamento positivo e extinção, treino assertivo, entre outros. O autor relata que o emprego de técnicas sistematizadas, assim como as exemplificadas acima, por si só, não resumem o trabalho clínico, uma vez que é importante se considerar a relação terapeuta/cliente.

Com o intuito de promover uma melhora da intervenção terapêutica, visto sua peculiaridade e importância acima relatada, o presente estudo propõe estudar a

⁹ História do desenvolvimento, mudanças biológicas e sociológicas. (Lettner, 1988)

aplicação dos comportamentos selecionados, pois tais comportamentos podem servir de estratégias de intervenções, já que, assim como Lettner (1988) relata acima, o emprego das técnicas sistematizadas *per se* não são suficientes e nem resumem o trabalho clínico, a relação terapeuta/cliente, é, um fator importantíssimo e determinante para um sucesso da terapia, em decorrência disso, o estudo da postura do terapeuta e suas conseqüências, pode vir a esclarecer ou mesmo facilitar o terapeuta na escolha da intervenção terapêutica e relação terapêutica com crianças que possuem dificuldade de aprendizagem.

A fase terminal não se resume aos últimos meses que antecederam o término da psicoterapia, pois a avaliação, instrumento determinante para o encerramento da terapia, é feita durante todo processo da terapia, tanto pelo terapeuta, quanto pelo cliente, além de, também, utilizar subsídios provindos de outras pessoas que influenciam o processo. O término da terapia está ligado ao alcance dos objetivos comportamentais, à aquisição de condições, por parte do cliente, de generalizar o aprendizado, ou seja, de conseguir resolver outras situações problemáticas, entre outros (Lettner, 1988).

O autor relata que após o cliente ter recebido a alta, faz-se necessário um acompanhamento deste cliente por um período entre um a dois anos, uma vez que, vê-se necessária a verificação da manutenção e generalização dos resultados terapêuticos.

Esta breve explanação a respeito da psicoterapia comportamental, desde seus princípios, operações e técnicas básicas, teve como objetivo auxiliar o leitor em relação a um maior esclarecimento a respeito da fundamentação metodológica que o presente projeto de pesquisa busca se basear.

Contudo, esta breve exposição do conteúdo, ainda não atende a fundamentação almejada para o presente trabalho, pois o foco da pesquisa é o estudo da postura terapêutica e suas conseqüências em psicoterapia comportamental com crianças que possuem dificuldades de aprendizagem, mais especificamente a dislexia e a dislalia. O conteúdo acima percorrido, apesar de não ser suficiente para uma consistente fundamentação para o presente trabalho, abarca os princípios básicos da psicoterapia comportamental tanto adulta quanto infantil. Portanto, as nuances teóricas que são fundamentais para a caracterização da psicoterapia infantil serão abaixo mais especificadas.

Lima (citado em Lettner, 1988) relata que a psicoterapia infantil é uma área de aplicação relativamente recente e ainda em desenvolvimento. A sua função terapêutica abarca além dos objetivos da psicoterapia comportamental (já citados acima), o papel educativo e profilático.

Os objetivos da psicoterapia infantil se dividem em dois agrupamentos, a dos objetivos ligados a um trabalho focalizando diretamente a criança e a dos objetivos ligados a um trabalho do psicólogo como intermediário. (Lettner, 1988).

O primeiro agrupamento de objetivos visa modificar hábitos que não são adaptativos por meio do fortalecimento e manutenção, ou da eliciação de comportamentos incompatíveis com tais hábitos; aumentar a probabilidade de ocorrência de comportamentos, que garantem à criança um maior número de reforçamento positivos; ajudar a criança a reconhecer as variáveis que controlam seu comportamento, especialmente as variáveis internas e, finalmente, levar a criança a efetivamente lidar com as variáveis que afetam o seu comportamento, permitindo uma generalização do aprendizado. (Lettner, 1988)

O segundo agrupamento visa preparar a criança para que adquira certos comportamentos, tais como comportamentos motores, emocionais e verbais, os quais são considerados pré-requisitos para atuação de outros terapeutas, assim como psicopedagogos, fonoaudiólogos, fisioterapeutas, entre outros; fornecer subsídios para os profissionais que atuam junto à criança; capacitar os pais, e outros agentes sociais, a darem continuidade ao processo terapêutico desenvolvido com a criança; propiciar para todos aqueles envolvidos no processo terapêutico, o aprendizado de uma classe de comportamentos relacionados, que poderão ocorrer em uma classe de situações (Mikulas, 1977, citado em Lettner, 1988).

A partir das várias teorias suscitadas nesta breve introdução, desde os pressupostos básicos a respeito de linguagem e suas teorias, do comportamento verbal e suas nuances, dos comportamentos verbais selecionados para representar a postura do terapeuta, das delimitações e definições a respeito das dificuldades de aprendizagem, dos princípios básicos a respeito da psicoterapia comportamental e comportamental infantil; o presente trabalho tem como objetivo interligar tais fragmentos teóricos a fim de promover uma sólida base para a pesquisa a respeito da postura do terapeuta e suas conseqüências na psicoterapia infantil com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem.

MÉTODO

Participantes:

Participarão do presente projeto o pesquisador, o observador, ambos Psicólogos, e os investigados. O pesquisador fará os atendimentos de forma a obedecer às fases da pesquisa, as quais serão descritas abaixo no item 'procedimento' e terá a função de analisar e triangular os dados levantados.

O observador será um pesquisador convidado para observar as sessões a serem atendidas pelo psicólogo e terá a função de promover uma maior neutralidade do processo de análise do atendimento, por meio de *feedback* a respeito do andamento do mesmo, de como as técnicas estão sendo aplicadas e da omissão da persuasão do psicólogo no processo de aplicação das fases, este também, proverá alguns dados que não forem observados pelo psicólogo, para a triangulação dos resultados ao término da coleta de dados.

Os participantes serão crianças menores de doze anos de idade, definidos segundo o artigo 2º da lei nº 8069, de 13 de Julho de 1990, como 'pessoa de até doze anos de idade incompletos'.

Para delimitar ainda mais a população pesquisada e objetivando assegurar um maior controle das variáveis, os sujeitos pesquisados serão 18 crianças entre 9 anos completos e doze anos de idade incompletos, na 4ª e a 5ª fase de alfabetização, a fase "alfabético" e a fase "alfabetizado", equivalente à 2ª a 4ª série do ensino fundamental. Tais participantes devem apresentar um quadro comprovado, por meio de relatos de seus professores e direção da escola, de dificuldades de aprendizagem, mais especificamente à dislexia e a dislalia. O diagnóstico dessas dificuldades de aprendizagem será confirmado por meio da anamnese aplicada à ocasião da primeira consulta.

São fatores de exclusão a idade diferente da especificada (entre 8 e 12 anos exclusive), o tratamento psicoterápico anterior focado no problema a ser analisado, a concomitância das duas dificuldades de aprendizagem e o comprometimento orgânico que justifique a Dislalia ou a Dislexia

Ambiente

Ambiente Físico

O ambiente físico para a ocorrência da investigação será uma sala de aproximadamente doze metros quadrados, composta por duas poltronas, uma mesa¹⁰, uma escrivaninha e um armário de brinquedos. (vide anexo 1). Em anexo a esta sala, uma sala espelhada será também utilizada com o intuito de se observar o atendimento. Nesta sala de observação, uma televisão e um aparelho de VHS estarão postados, a fim de gravar os atendimentos.

Segundo Fetterman (1998), as gravações audiovisuais são de grande valia no trabalho de investigação de campo, para que o observador possa interagir mais livremente com seus informantes e por possibilitarem a reanálise das partes gravadas. Fetterman (1998), no entanto, alerta que o uso das gravações só deve ser feito com o devido consentimento dos informantes.

Ambiente Social

A pesquisa será realizada em um Centro de Formação de Psicólogos de Brasília, que oferece atendimento à população por um baixo custo. Neste Centro há várias metodologias adotadas para tais atendimentos, no entanto, a metodologia a ser utilizada será a da análise comportamental, de B. F. Skinner.

Em tal centro, a observação das sessões é fator determinante para ocorrência dessas, pois os atendimentos realizados por tal instituição são predominantemente feitos por alunos do Centro e observados por seus orientadores. Portanto, ao ingressar neste Centro, com o intuito de obter atendimento psicoterápico, o cliente ou a família deste (em caso de crianças) deve assinar um termo que autoriza a observação dos atendimentos realizados.

Os sujeitos pesquisados serão os mesmos tanto na fase “controle”, quanto na fase “experimental” (Vide procedimento) da pesquisa. Além disso, os atendimentos terão duração de cinquenta minutos e ocorrerão semanalmente, as datas serão marcadas de acordo com as possibilidades tanto do observador, do psicólogo e do investigado.

¹⁰ Tal mesa caracteriza-se por ser uma mesa mais baixa, especial para crianças.

Material

Os materiais a serem utilizados pela futura pesquisa serão duas poltronas, uma mesa pequena com duas cadeiras pequenas (conjunto de mesa infantil), uma escrivaninha, uma cadeira acolchoada para escrivaninha, um armário de brinquedos, livros de literatura infantil, uma televisão, um aparelho de VHS, 36 Fitas de VHS para a gravação das sessões, uma resma de papel tamanho A4 e lápis.

Instrumentos

Os instrumentos ou ferramentas a serem utilizadas pela futura pesquisa serão: o termo de consentimento, o documento de categorização dos comportamentos a serem observados pelo pesquisador, a tabela de frequência dos comportamentos categorizados.

Procedimento

Consentimento informado livre e esclarecido

Uma vez aprovado na comissão de ética, o investigador deverá conseguir o consentimento voluntário das crianças envolvidas e o da família destas crianças para a realização da investigação, informando aos mesmos, o objetivo da pesquisa e a possibilidade de o sujeito interromper ou mesmo desistir do processo investigatório sempre que for de sua vontade. Tais informações estarão contidas no termo de consentimento que deverá ser devidamente assinado pelos familiares responsáveis pelos sujeitos de pesquisa.

Anamnese

Após esta primeira fase da pesquisa, o investigador deverá aplicar o formulário de anamnese nos sujeitos de pesquisa, a fim de caracterizar a população pesquisada e confirmar os pré-requisitos estabelecidos pela pesquisa para os participantes da mesma.

Ao término da fase anterior, o observador¹¹ irá sortear qual comportamento será aplicado aos sujeitos da pesquisa a partir da consulta seguinte. Cada sujeito será submetido a um único grupo de comportamento, tal comportamento será escolhido aleatoriamente assim como já explicitado anteriormente, até o término da pesquisa.

Serão realizadas sessões semanais, sendo uma sessão semanal para cada sujeito de pesquisa, a aplicação das sessões no sujeito será realizada até uma sessão após a obtenção do resultado desejado, ou seja, a não emissão do comportamento distorcido, respeitando-se o máximo de dez sessões para cada sujeito.

A metodologia a ser adotada para cada grupo de comportamento será abaixo descrita:

A. Para o comportamento ecóico:

As sessões com os sujeitos sorteados para o comportamento ecóico serão realizadas seguindo os princípios da terapia comportamental infantil, já definida na introdução do presente trabalho, no entanto, o terapeuta terá como função, também emitir comportamentos que correspondem ao comportamento ecóico. O Psicólogo não poderá emitir, neste grupo de sujeitos, os comportamentos, textual e intraverbal.

O comportamento ecóico será aplicado somente nas crianças que apresentam quadros referentes à dislalia. A aplicação deste tem como objetivo verificar quais são as reações dos sujeitos investigados frente à manifestação do comportamento ecóico do psicólogo. Como o comportamento ecóico baseia-se na imitação de algumas propriedades dos estímulos vocais, a pesquisa terá como objetivo verificar se a imitação dos estímulos vocais distorcidos enunciados pelos sujeitos que apresentam dislalia contribui na percepção do investigado a respeito de sua produção distorcida e provoca uma diminuição na frequência dessas enunciações destorcidas.

B. Para o comportamento textual

As sessões com os sujeitos sorteados para o comportamento textual serão realizadas seguindo os princípios da terapia comportamental infantil, já definida na

¹¹ Neste caso quem irá sortear o grupo em que cada criança será postada será o observador, a fim de garantir ainda mais a neutralidade do processo de seleção de cada criança em cada grupo de análise.

introdução do presente trabalho, no entanto, o terapeuta terá como função, também emitir comportamentos que correspondem ao comportamento textual. O Psicólogo não poderá emitir, neste grupo de sujeitos, os comportamentos, ecóico e intraverbal.

No comportamento textual, participarão somente crianças que apresentam quadros referentes à dislexia. A aplicação deste comportamento tem como objetivo verificar quais são as reações dos sujeitos investigados frente à manifestação do comportamento textual do psicólogo. O comportamento textual é quando um estímulo verbal escrito estabelece a ocasião para uma resposta vocal correspondente. Portanto, objetiva-se verificar se nesta fase a criança que possui dislexia consegue perceber, ao ouvir a enunciação do estímulo textual produzida pelo psicólogo, as distorções que o sujeito faz enquanto lê o texto “mentalmente” ou em voz baixa.

Na aplicação deste comportamento, o psicólogo pedirá ao sujeito que leia o texto em voz alta e enquanto este obedece ao comando, o investigador identificará cada distorção produzida. Após a leitura, o psicólogo lerá o mesmo texto em voz alta sem a presença destas distorções e pedirá para o sujeito investigado apenas escutar a leitura e acompanhá-la mentalmente. Em seguida, o psicólogo pedirá ao sujeito observado, que leia novamente a passagem. O investigador, portanto, analisará tal leitura e verificará se houve uma redução na produção das distorções feitas anteriormente.

C. Para o comportamento Intraverbal

As sessões com os sujeitos sorteados para o comportamento intraverbal serão realizadas seguindo os princípios da terapia comportamental infantil, já definida na introdução do presente trabalho, no entanto, o terapeuta terá como função, também emitir comportamentos que correspondem ao comportamento intraverbal. O Psicólogo não poderá emitir, neste grupo de sujeitos, os comportamentos, ecóico e textual.

O comportamento intraverbal será aplicado em seis crianças, tanto as que apresentam dislalia, quanto as que apresentam dislexia. Esta fase tem como objetivo verificar quais são as reações dos sujeitos investigados frente à manifestação do comportamento intraverbal do psicólogo. O comportamento intraverbal, assim como já explicado na introdução, é caracterizado por respostas

verbaís ocasionadas por estímulos verbais. Elas são caracterizadas pela correspondência um-a-um de unidades verbais.

O objetivo da aplicação deste comportamento é o de verificar a gama de conhecimento a respeito de unidades verbais que correspondem tematicamente com as palavras que são geralmente distorcidas. No caso da aplicação desta terceira fase com crianças que apresentam dislalia, o investigador verificará se ao serem pronunciadas palavras equivalentes à palavra distorcida, o investigado tende a acrescentá-la ao seu repertório verbal, com o intuito de se esquivar do erro, ou se há a percepção do erro e a correção do mesmo, sem que haja a utilização de palavras correspondentes.

Um outro objetivo será o de verificar se a criança consegue perceber o som distorcido, ou por ouvir palavras que possuem unidades sonoras equivalentes às da distorção ou por ouvir palavras que possuem unidades sonoras equivalentes às das palavras corretas que foram produzidas erroneamente.

Portanto, ao serem pronunciadas as distorções, na aplicação deste comportamento, o psicólogo irá reproduzir sons que se aproximam ao som distorcido e ao som correto da palavra. Por exemplo, a criança pronuncia a palavra R-A-T-O, L-A-T-O. A função do psicólogo será a de emitir palavras, preferencialmente dissílabos, iniciadas com a letra “R” (Racho, Rasgo, Raso, entre outras) e palavras iniciadas com a letra “L” (Lata, Lava, entre outras).

No entanto, na aplicação de tal “instrumento” em crianças que apresentam dislexia, o objetivo transforma-se. Portanto, o objetivo da aplicação do comportamento Intraverbal nestas crianças será o de verificar se há reconhecimento da palavra distorcida e modificação da mesma. O procedimento será o da enunciação (por parte do psicólogo) de palavras equivalente no momento em que a palavra foi lida ou escrita de modo distorcido ou fora do lugar.

D. Para o comportamento controle

O comportamento controle abará os princípios da terapia comportamental infantil, os quais, como já explicitado anteriormente, visam modificar hábitos que não são adaptativos por meio do fortalecimento e manutenção, ou da eliciação de comportamentos incompatíveis com tais hábitos; aumentar a probabilidade de ocorrência de comportamentos, que garantem à criança um maior número de reforçamento positivos; ajudar a criança a reconhecer as variáveis que controlam

seu comportamento, especialmente as variáveis internas e, finalmente, levar a criança a efetivamente lidar com as variáveis que afetam o seu comportamento, permitindo uma generalização do aprendizado (Lettner, 1988). No entanto, o comportamento controle não abará as manifestações dos comportamentos ecóico, textual e intraverbal.

Após o levantamento de dados por meio da observação de todo procedimento acima especificado, ocorrerá a fase de análise dos resultados que será mais aprofundada na terceira parte deste projeto de pesquisa. Após a análise dos resultados, haverá a discussão dos resultados obtidos e conclusões a respeito das conseqüências da postura do terapeuta com crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem, em setting terapêutico.

Posteriormente ao levantamento, discussão e conclusão dos dados obtidos, a pesquisa será publicada e os investigados terão livre acesso aos resultados levantados pela pesquisa.

Tabela 2: Frequência dos eventos de comportamento ocorridos durante as sessões em intervalos de 5 minutos.

Sujeito:

Comportamento:

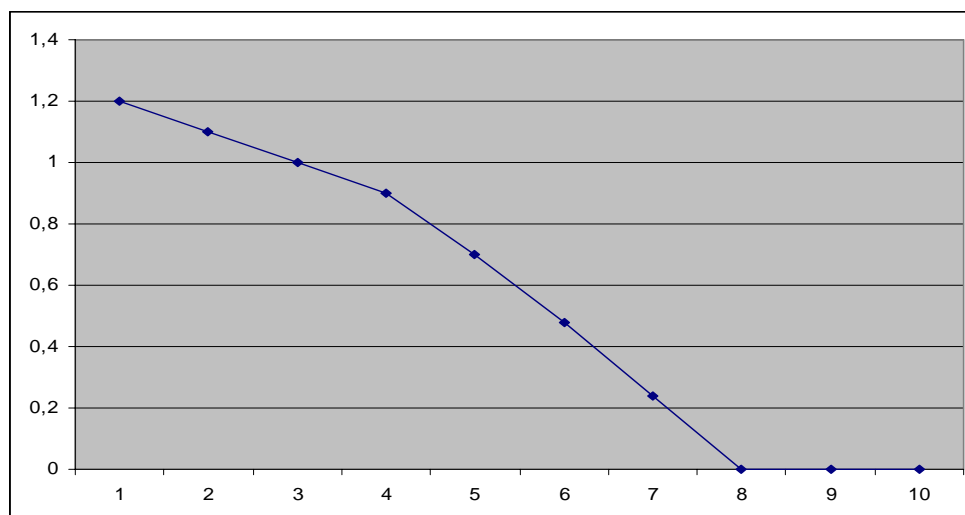
T	Sessões									
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	10 ^a
5										
10										
15										
20										
25										
30										
35										
40										
45										
50										
Freq.										

Frequência está definida pela fórmula:

$$Frequência = \frac{\text{número de eventos}}{\text{Tempo}}$$

As informações oferecidas por uma distribuição de frequência também serão apresentadas graficamente na forma de uma curva de tempo por frequência. Encontra-se em anexo um exemplo de preenchimento das tabelas e a representação gráfica da frequência de eventos. A linha base, ou eixo horizontal, estará identificado às sessões e no eixo vertical estarão postadas as frequências encontradas no intervalo de tempo.

Figura 1 : curva de tempo por frequência de eventos



DISCUSSÃO

A análise dos dados coletados será feita com base nas tabelas e gráficos confeccionados, além da observação clínica dos dados obtidos, e não categorizados, assim como a motivação dos sujeitos de pesquisa, ou qualquer outra variável que o pesquisador considere relevante para o tratamento dos resultados.

Além disso, realizar-se-á uma análise comparativa inter-grupos, ou seja, dos resultados obtidos entre os grupos de comportamentos ecóicos, intraverbal e textual com o grupo de comportamento controle para cada dificuldade de aprendizado pesquisada.

Realizar-se-á também uma análise intra-grupos, em outras palavras, uma análise comparativa dos sujeitos e entre os participantes de cada grupo de comportamento dentro de seu próprio grupo. Em seguida, com o intuito de dar alinhavos nas análises realizadas, uma triangulação entre os dados obtidos pela postura do terapeuta, pelas respostas dos sujeitos investigados e pelos resultados da população controle será realizada, a fim de verificar a correspondência entre a postura do terapeuta e a resposta emitida pela criança que possui dificuldade de aprendizagem.

A transcrição das gravações realizadas será, também, utilizada para que o observador possa interagir mais livremente com seus informantes por possibilitar a reanálise das partes gravadas. A análise das transcrições das gravações das sessões será utilizada como um instrumento, a fim de corroborar as análises e impressões feitas pelo pesquisador e observador.

Finalmente, os resultados serão fundamentados teoricamente, por meio das várias teorias suscitadas neste trabalho, desde os pressupostos básicos a respeito de linguagem e suas teorias, do comportamento verbal e suas nuances, dos comportamentos verbais selecionados para representar a postura do terapeuta, das delimitações e definições a respeito das dificuldades de aprendizagem, dos princípios básicos a respeito da psicoterapia comportamental e comportamental infantil, a fim da obtenção da validação dos mesmos.

A futura pesquisa tem como objetivo verificar, por meio da análise dos resultados levantados, a relevância da aplicação de determinados comportamentos

como instrumentos terapêuticos, em crianças que apresentam dificuldades de aprendizagem. Portanto, a aplicação da pesquisa proposta terá como objetivo verificar se a intervenção do psicólogo por meio da aplicação dos comportamentos escolhidos produzirá resultados que venham a provocar uma melhora no tratamento destes sujeitos de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANASTASI. Anne & URBINA, Susana. Testagem Psicológica. 7ª edição. Ed. Artmed. Porto Alegre. RS. 2000.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Volume I, 2ª edição, Ed. Delta. S. A. Rio de Janeiro, RJ.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Volume II, 2ª edição, Ed. Delta .S.A. Rio de Janeiro, RJ.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Volume III, 2ª edição, Ed. Delta .S.A. Rio de Janeiro, RJ.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Volume IV, 2ª edição, Ed. Delta .S.A. Rio de Janeiro, RJ.

AULETE, Caldas. Dicionário Contemporâneo da Língua Portuguesa. Volume V, 2ª edição, Ed. Delta .S.A. Rio de Janeiro, RJ.

BALLONE, G. J. Dificuldades de Aprendizagem - in. PsiqWeb, Internet, disponível em <<http://www.psiqweb.med.br/infantil/aprendiza.html>> revisto em 2003. Acessado em 09/10/2005

BAUM, William M. Compreender o Behaviorismo. Ciência, Comportamento e Cultura. Ed. Artmed. Porto Alegre, RS. 1999

BROWN, H. Douglas. *Teaching by Principles: An Interactive Approach to Language Pedagogy*. Prentice Hall Regents. 2000.

CATANIA, Charles A. Aprendizagem: Comportamento, Linguagem e Cognição. 4ª edição. Ed. Artmed. Porto Alegre, RS. 1999

CHAIKA, Elaine. *Language: The Social Mirror*. 3a edição. Ed. Heinle & Heinle Publishers. Boston, Massachusetts. USA. 1994

FETTERMAN, David M. *Ethinography / Applied Social Research. Method Series*. 1998.

HOLLAND, J. G. & SKINNER, B.F. *A Análise do Comportamento*. Ed. Herder. São Paulo, SP. 1969

KOCH, Ingedore G. V. *A Inter-Ação pela Linguagem*. Ed. Contexto. Série: Repensando a língua Portuguesa. São Paulo, SP. 1998.

KANFER, Frederic H. *Os Princípios da Aprendizagem na Terapia Comportamental*. Ed. Pedagógica e Universitária Ltda. São Paulo, SP. 1974

LETTNER, Harald H. *Manual de Psicoterapia Comportamental*. Ed. Manole Ltda. São Paulo, SP. 1988

SANT'ANA, Vania L. P. *Psicoterapia Analítico-Comportamental*. Anais do VI Semana de Psicologia da UEM: Subjetividade e Arte Maringá-UEM. 2004.

SAUSSURE, F. DE. *Cours de linguistique générale*. Payot, différentes éditions. 1922.

SKINNER, B. F. *O Comportamento Verbal*. Ed. Cultrix. São Paulo. SP. 1978.

TERWILLIGER, Robert F. *Psicologia da linguagem*. Trad. Leonidas Hegenberg e Octanny Silveira da Mota. São Paulo: Cultrix / EDUSP. 1968.

WOLPE, Joseph, *Prática da Terapia Comportamental*. 4ª edição. Ed. Brasiliense. São Paulo, SP. 1981

ANEXO I

Exemplo de Preenchimento de Tabela e Gráfico

Tabela 1: Enumeração dos eventos de comportamento ocorridos durante as sessões a cada 5 minutos

Sujeito: Fulano da Silva

Comportamento: Ecóico

T	Sessões									
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	10 ^a
5	6	6	5	5	4	3	2	0	0	0
10	6	6	5	5	4	3	2	0	0	0
15	6	6	5	5	4	3	1	0	0	0
20	6	6	5	5	4	3	1	0	0	0
25	6	6	5	5	4	2	1	0	0	0
30	6	5	5	4	3	2	1	0	0	0
35	6	5	5	4	3	2	1	0	0	0
40	6	5	5	4	3	2	1	0	0	0
45	6	5	5	4	3	2	1	0	0	0
50	6	5	5	4	3	2	1	0	0	0
Σ	60	55	50	45	35	24	12	0	0	0

Tabela 2: Frequência dos eventos de comportamento ocorridos durante as sessões em intervalos de 5 minutos.

Sujeito: Fulano da Silva

Comportamento: Ecóico

T	Sessões									
	1 ^a	2 ^a	3 ^a	4 ^a	5 ^a	6 ^a	7 ^a	8 ^a	9 ^a	10 ^a
5	1,2	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0	0	0
10	1,2	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0	0	0
15	1,2	1,2	1	1	0,8	0,6	0,2	0	0	0
20	1,2	1,2	1	1	0,8	0,6	0,2	0	0	0
25	1,2	1,2	1	1	0,8	0,4	0,2	0	0	0
30	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0,2	0	0	0
35	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0,2	0	0	0
40	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0,2	0	0	0
45	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0,2	0	0	0
50	1,2	1	1	0,8	0,6	0,4	0,2	0	0	0
Freq.	1,2	1,1	1	0,9	0,7	0,48	0,24	0	0	0

figura 1 : curva de tempo por frequência de eventos

